

# CRÍTICA DO CONHECIMENTO IMEDIATO E DA LINGUAGEM DENOTATIVA NA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

Adriano Kurle<sup>1</sup>

**Resumo:** Visamos, com este trabalho, abordar a crítica de Hegel ao saber imediato no capítulo primeiro da obra *Fenomenologia do Espírito*. A partir da negação da possibilidade de apontar o singular assim como compreender a unidade do objeto sem a relação dialética entre unidade e diversidade, temos elementos suficientes para negar que uma teoria epistemológica da linguagem deva se basear em proposições ou conceitos singulares, assim como também a construção de conceitos e experiências não é feita através da relação direta e imediata com os objetos. Ao invés disto, eles são constituídos através da relação com conceitos que são antes universais: os elementos denotativos envolvem uma posição espacial e temporal que não é absoluta, mas relacional. Desta maneira, a linguagem que constitui a unidade do objeto não se reduz à linguagem denotativa, mas já na denotação nós compreendemos a unidade do objeto através da conotação (as propriedades e características que os constituem que, por sua vez, são conceitos universais). Por fim, a crítica mostra que toda experiência cognitiva é mediada já por conceitos.

## Introdução

Visamos, com este trabalho, abordar a crítica de Hegel ao saber imediato no capítulo primeiro da obra *Fenomenologia do Espírito*. A partir da negação da possibilidade de apontar o singular assim como compreender a unidade do objeto sem a relação dialética entre unidade e diversidade, temos elementos suficientes para negar que uma teoria epistemológica da linguagem deva se basear em proposições ou conceitos singulares, assim como também a construção de conceitos e experiências não é feita através da relação direta e imediata com os objetos. Ao invés disto, eles são constituídos através da relação com conceitos que são antes universais: os elementos denotativos envolvem uma posição espacial e temporal que não é absoluta, mas relacional. Já o conhecimento do objeto enquanto unidade envolve a unificação de propriedades universais sob uma força unificadora. Desta maneira, a linguagem que constitui a unidade do objeto não se reduz à linguagem denotativa, mas já na denotação nós compreendemos a unidade do objeto através da conotação (as propriedades e características que os constituem que, por sua vez, são conceitos universais). Por fim, a crítica mostra que toda experiência cognitiva é mediada já por conceitos.

## O problema da denotação

No capítulo primeiro da *Fenomenologia*, Hegel trata da relação entre o *Eu* e a *coisa*, como a relação de certeza imediata entre dois singulares. Busca tratar desta relação mesma, portanto não a partir do ponto de vista que visa apenas o objeto, nem do ponto de vista da reflexão subjetiva, que põe o próprio sujeito como objeto, mas do ponto de vista do terceiro (que aparece no texto como o *para nós*) que analisa o saber como produto da relação mesma entre a coisa e o *Eu* (ou, dito da forma mais tradicional, entre sujeito e objeto). Assim “Para nós, refletindo sobre esta diferença, resulta que tanto

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela PUCRS. E-mail: adrianobk@gmail.com

um como o outro não estão na certeza sensível apenas de modo imediato, mas estão, ao mesmo tempo, mediatizados<sup>2</sup>.”.

É o produto desta relação, como uma relação que em si se desenvolve de acordo com a perspectiva imediatista, que Hegel chama *certeza sensível*. Ao analisar a relação mesma, Hegel vai traçando os elementos mediadores, de tal forma que a perspectiva imediatista se desfaz, pois não há mais traço algum que não esteja em situação de mediação e, portanto, que não seja puramente relacional.

O saber, na certeza sensível, é determinado pelo objeto: a contingência do objeto ser ou não ser, que deve ser comprovada pelo sujeito na experiência do objeto. A linguagem denotativa aliada a uma perspectiva realista cabe perfeitamente como exemplo contemporâneo do que Hegel chamou certeza sensível. A condição de verdade, ou do saber, é que a sentença corresponda ao estado de coisas. Assim, “a casa é verde se e somente se a casa é verde”, como uma condição de verdade da sentença “a casa é verde”, pode ser compreendida de duas maneiras, ambas as perspectivas que podemos intitular de realista. O ponto principal parece ser o realismo empírico. Podemos dividir em realismo psicologista e realismo linguístico, sendo este último subdividido em dois. O realismo psicologista (mais comum entre os contemporâneos de Hegel ou entre filósofos da modernidade pré-kantiana, chamados empiristas) defende que nós percebemos os objetos como eles realmente são, e que palavras são apenas meios sensíveis de expressar o pensamento enquanto este último é uma cópia de percepções (contemporaneamente esta posição é figurada por Jesse Prinz em *Furnishing the Mind*<sup>3</sup>); o realista linguístico acredita que ou (a) as sentenças expressam, correta ou incorretamente, o estado de coisas dos objetos (correspondência entre linguagem e os objetos), ou (b) o próprio mundo é constituído por sentenças verdadeiras ou falsas. Em (a) temos uma correspondência entre elementos heterogêneos (sentenças e as coisas enquanto entidades não linguísticas), enquanto em (b) as próprias sentenças tem realidade ontológica, independente do falante.

A crítica de Hegel pode ser assim reatualizada, de maneira que seu argumento serve como crítica para formas mais contemporâneas de realismo, desde que estes tenham a certeza imediata da verificação como um critério válido para distinguir o verdadeiro do falso. Para Hegel a questão não é saber como, dentro desta perspectiva epistêmico-ontológica, o objeto é verdadeiro. Antes, Hegel busca questionar esta perspectiva mesma, olhando para seu modo de funcionamento e buscando as bases de sua sustentação ou refutação: “Nós não temos, para esse fim, de refletir sobre o objeto, nem indagar o que possa ser em verdade; mas apenas de considerá-lo como a certeza sensível o tem nela<sup>4</sup>.”.

A crítica de Hegel ao realismo imediatista implica, em primeira instância, a impossibilidade de apontar o singular. A perspectiva de que a verdade denotativa tem valor absoluto é questionada a partir

---

<sup>2</sup> HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 86.

<sup>3</sup> PRINZ, Jesse J. *Furnishing the Mind: Concepts and their perceptual basis*. Cambridge: The MIT Press, 2002.

<sup>4</sup> HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 87.

da demonstração de (1) da necessidade de termos fundamentais universais para designar o singular, como espaço e tempo (aqui e agora); e (2) da situação relacional imanente a estados de coisas no espaço e no tempo. Por exemplo, quando busco designar o singular, mesmo uma descrição de todas as suas propriedades (como ser quadrado, verde, ter um teto amarelo e todas as outras propriedades de uma determinada casa) não é suficiente para a singularização, visto que isto exige a diferenciação deste objeto de todos os outros. Esta diferenciação pode ser feita apenas apontando para o objeto como o “este”, ou seja, através do ato puro de designação.

Porém o “este” é determinado apenas como uma posição espaço-temporal. Esta posição é mutável, pois ela é relacional: assim o aqui e o agora dependem de um conjunto de relações e mediações que tornam falsa a posição de que isto ocorre imediatamente. O singular não pode ser designado, pois sua designação depende essencialmente do conceito universal do “aqui e agora”, ou da presença. Porém, a presença enquanto conceito universal contém em si tanto a afirmação de uma determinada singularidade, como sua negação. O singular exige a diferenciação e assim a negação de todas as outras determinações.

Desta maneira, Hegel exemplifica o “aqui é dia” e o “aqui é noite” como duas possibilidades do “aqui”, mostrando como este termo, enquanto componente essencial do “este” (da designação pura enquanto evento empírico, portanto, contextualizado a partir das condições universais de espaço e tempo), contém uma universalidade que não garante a verdade da designação pura. Nas palavras de Hegel: “Nós denominamos um universal um tal simples que é por meio da negação; nem isto nem aquilo – um não-isto – e indiferente também a ser isto ou aquilo. O universal, portanto, é de fato o verdadeiro da certeza sensível<sup>5</sup>.”.

O singular permanece indizível, e visto que o conhecimento exige sua expressibilidade, então o singular imediato não pode ser conhecido. O singular só é expresso mediante o universal, assim “Se quiserem dizer efetivamente este pedaço de papel que ‘visam’ – e se quisessem dizer mesmo – isso seria impossível, porque o isto sensível, que é ‘visado’, é inatingível pela linguagem, que pertence à consciência, ao universal em si. [...] Por isso, o que se chama indizível não é outro que o não-verdadeiro, não-racional, puramente ‘visado’<sup>6</sup>.”.

### **Conclusão**

O que Hegel mostra é que todo o uso de conceitos, seja na mais simples denotação, já é abstrato. Portanto, não existe um estrato puro da realidade (sejam percepções puras, átomos físicos, conceitos puros ou entidades linguísticas). Toda ação da consciência envolve conceitos, e a certeza sensível e a percepção já estão “contaminadas” por conceitos, que possuem caráter de generalidade ou universalidade. Com esta argumentação, desenvolvida no primeiro capítulo da *Fenomenologia do*

---

<sup>5</sup> HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 87.

<sup>6</sup> HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 93-94.

*Espírito*, Hegel começa a mostrar a implausibilidade do realismo atomista, seja fisicalista, seja linguístico-conceitual.

### **Referências Bibliográficas**

HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PRINZ, Jesse J. *Furnishing the Mind: Concepts and their perceptual basis*. Cambridge: The MIT Press, 2002.